

Nº 13
VOLUME 02
Julho
2002



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

Redes & Redeiros

Jardim de Piranhas

Patrícia Rejane Lopes Diniz

A rede balança em nossas veias, em nosso sangue de índio, engana nossas dores, embala nossos sonhos. Câmara Cascudo lembra sua primeira citação nominal, em 1500, se constituindo, a partir de então, num elemento cultural indispensável para os brasileiros.

Natalina Tereza dos Santos - (tear manual para mamucaba)

Labim/UFRN

O mestre afirma no seu definitivo livro *Rede de Dormir*: "(...) vemos, usamos, construímos, conhecemos e nunca pesamos dignas de nossa atenção e cuidado cultural". Desse modo, a rede, passa a integrar, junto a outros tantos traços, a história de hábitos de uma nação, passando a ser indispensável em algumas situações repousantes. A cesta, o ato de dormir, de relaxar o corpo e também a mente. No Rio Grande do Norte, alguns municípios

fabricam redes, mas é especificamente em Jardim de Piranhas onde existe a maior produção de redes do estado. A cidade fica localizada às margens do Rio Piranhas, distando 300 km de Natal. Em Jardim de Piranhas, não são flores nem os bravos peixinhos que emprestam seu nome à toponímia, que enchem os olhos, e sim o belíssimo colorido dos fios e das padronagens múltiplas das redes estendidas aos ventos em quase toda geografia da cidade. Com aproximadamente

dez mil habitantes, trocou a agricultura pela indústria têxtil, responsável pela principal fonte econômica, movimentando um numerário significativo, atingindo pauta de exportação. Recentemente, um de seus produtores concedeu entrevista ao programa radiofônico "A Voz do Brasil", anunciando seu primeiro lote de redes para o Canadá. A matéria-prima para a

confeção da rede é o fio, especialmente o de número 8/1, que chega de vários estados do país, como PB, PE, CE, entre outros. São cerca de 800 teares mecânicos, mais de 200 toneladas de fio mensal, ressaltando ainda o tear automático e o de pince, considerado o mais moderno. O processo da produção do tecido, mais conhecido como "pano de rede" se inicia com o beneficiamento do fio, ou seja, alvejar, tingir,

urdir, secar ao sol. Depois de seco, o fio é posto no tear para fazer a trama. Feito o "pano", se corta para um tamanho pequeno, médio ou grande, de acordo com o tamanho da rede pretendida. Delimitado o corte, vem a segunda etapa, denominada "acabamento", ou seja, o *trancelim* (hoje substituído por um cordão), *mamucaba*, que se reserva um



pequeno tear manual (opcional por ser artesanal), *cordões*, *punho*, *franja* ou *varanda*, podendo ainda



Tear manual

usar os dois se quiser. Lembrando que pode ser estampado (com desenhos coloridos) como assim é conhecido, ou mesmo liso.

As redes têm diversas denominações: a *xadrex*, *jamanta*, *cianinha*, *fustão*, *guarani*, *rede crua*, *amazonas*, a *guri* para recém-nascido e por influência televisiva, a *Tieta*, homônimo da novela que adaptou o romance do escritor baiano Jorge Amado, sucesso no Sertão do Seridó. Tem ainda a *mata-cachorro*, rede de preço mais acessível, pois a

matéria-prima aplicada no seu confeccionamento é muito frágil.

Conta-se, que quando um caçador está descansando numa rede *mata-cachorro* e o canino vem para debaixo em atitude de companheirismo, corre risco de ser esmagado, pois a possibilidade da rede rasgar-se é iminente. As regiões Norte e Nordeste são grandes centros produtores e consumidores de rede de dormir.

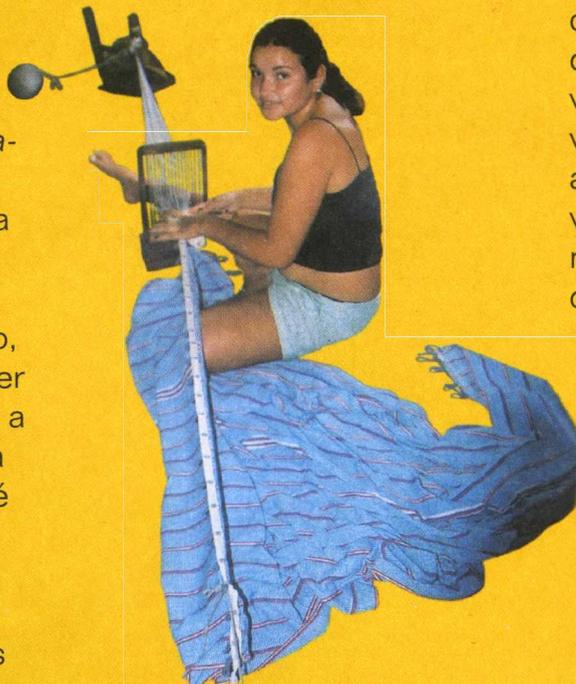
O preço é diferenciado. Baseia-se no custo do peso do fio necessário para confecção, em média multiplicado por seis, podendo variar. No jargão comercial local são distintas em

Josivânia Francisca do Santos (mamucaba)



redes populares, média e boa, e ainda a *sol-a-sol*, ou de brim,

Luciana da Silva (mamucaba)



tecidos não fabricados na cidade. Para estas últimas, os acabamentos são todos em linha de crochê e podem ser ainda bordadas e personalizadas, chegando a ter um preço mais elevado. Criatividade é o que dá o tom e a cor na diversificação das redes. Poderá ser personalizada, dependendo de encomenda prévia. Além das redes, em Jardim, fabrica-se também o pano de prato, cobertores, toalhas de banho, tapetes, mantas, "sacos" e etc. É importante ressaltar que toda semana saem da cidade caminhões carregados para todos estados do

país, como também para o Paraguai, Uruguai, Argentina, entre outros países da América Latina. São os chamados "corretores", que transformam o veículo em moradia, são vendedores ambulantes, que a cada viagem ficam até quatro meses, ou só voltam quando vendem todos os produtos.

Na versão de *Zezinho Batista* (José Batista Guedes), a rede chegou à cidade por volta da década de 40, vinda do município de Pombal (PB) e assim se estimulou o fabrico das primeiras redes, a chamada *rede de fio de mão*. No entanto, é

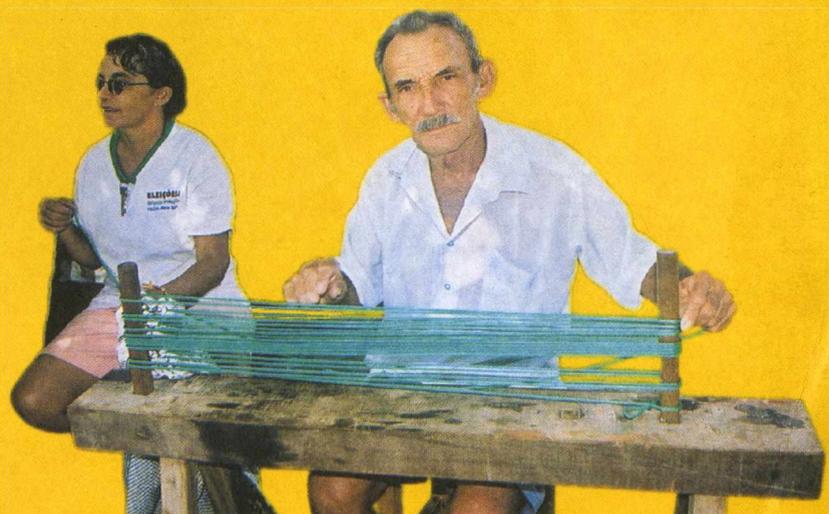
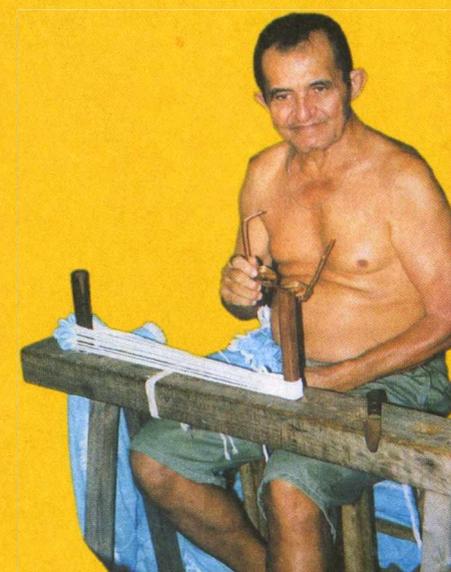
Galante
 Scriptorium **Candinha Bezerra**
 FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
 Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790
 www.proj-nacaopotiguar.com.br

Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão

Fotografias
 Candinha Bezerra

Colaborador
 Patrícia Rejane Lopes Diniz
 Jornalista e mestrande UFRN

Programação visual
 CO2 COMUNICAÇÃO



Joventino Guedes Filho (empunhando rede)





Rita de Cássia



Rosário Queiroz (acabamento)



Jonildo de Araújo



Sebastião de Souza Andrade (espoladeira)



Marcos dos Santos



Cantareli Garcia

considerada a chegada dos primeiros teares por volta de 1945, através de Seu Pedro Redeiro (Pedro Plácido de Almeida), com três teares: um largo e dois estreitos. Depois chegaram os de *Neguinho* (Antônio Alexandre da Silva) e Trajano Araújo. Na sequência vieram os teares largos, de um pano só. Outros redeiros se destacaram na cidade também: Zezinho do Ouro, Joaquim Mago, Manuel

Dutra, Elita Gentil de Araújo, Heleno Dutra e muitos outros. Com a modernização, o tear manual de madeira foi substituído pelo mecânico, o engenho manual para encher as espolas foi trocado pela

espoladeira elétrica e outras máquinas chegaram para agilizar o processo da tecelagem: *urdideira*, *meadeiras* e *conicaleiras*. Antes da tecnologia do tear eletromecânico,

um de três panos fazia uma ou duas redes por dia. Hoje com a modernização chega-se até vinte. A rede foi muito utilizada no Nordeste brasileiro para sepultamentos.

O morto, além de ser transportado para sua cova, era com ela enterrado e rezado. Cascudo nas suas sábias abordagens etnográficas ratifica, no Dicionário Folclórico Brasileiro, o final da utilização da "cama balouçante" como veículo de transporte. Assim permanece muito mais lírica, e a rede vai ficando "armada nos alpendres das casas ricas ou nas latadas dos pobres" proporcionando descanso e poesia.

